

# Em três anos, região perde 45 mil empregos

22 DE JUNHO DE 2017

A TRIBUNA DE SANTOS

0

Curtir 0

Compartilhar

Tweetar

G+ Compartilhar

Enviar

Imprimir

## Em três anos, região perde 45 mil empregos

Retração no polo industrial é uma das causas

EDUARDO BRANDÃO  
DARCIÇÃO

Reflexos da retração no polo industrial de Cubatão desde 2014 e até mesmo a desilusão com o pré-sal são motivos apontados por especialistas para a Baixada Santista estar na contramão da tímida recuperação de geração de empregos no País, observada em maio.

Nos últimos três anos, os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) indicam cerca de 45 mil postos extintos por aqui, fazendo com que aproximadamente R\$ 1,5 bilhão deixassem de circular na economia regional, segundo projeções feitas por economistas a pedido de *A Tribuna*.

A última variação positiva registrada foi em março do ano passado, quando o saldo foi de 864 empregos criados. De lá pra cá, já são 14 meses de variações negativas entre postos abertos e fechados. Setores como comércio, serviço e indústria foram os que mais demitiram na Baixada Santista.

O consultor em finanças públicas Rodolfo Amaral calcula que nos últimos três anos o mercado de trabalho formal da Baixada Santista encolheu cerca de 10,8%. Isso significa que foi extinta pouco mais de uma, a cada 10 vagas existentes no período anterior à crise financeira. "É uma taxa superior ao Estado, que foi de 6,85%; e do Brasil, que ficou em 7,25%", acrescenta.

Ele explica que Cubatão teve o pior resultado da região, com o encolhimento de quase um terço de sua força de trabalho. O cenário foi provocado com a redução das atividades da Refinaria Presidente Bernardes (Petrobras), fim das atividades de setores da Usiminas e de empresas correlacionadas. "Isso cria um efeito em cascata: cui a massa de emprego, menos dinheiro circula, o que afeta os setores de comércio e serviço".

Amaral sustenta que a eliminação dos postos no polo cubatense fez despencar o comércio de São Vicente, o maior da região. Com isso, a Cidade teve uma retração de quase 12% no número de trabalhadores registrados. Na sequência, aparecem Santos (10,23%), Itanhaém

### NO BRASIL

Conforme dados do Caged, pelo segundo mês consecutivo o País voltou a gerar empregos. A variação positiva de 34,2 mil vagas em maio foi puxada pela agropecuária, que responde por apenas 4,2% das vagas formais brasileiras. Setor praticamente inexistente na região. "Isso não deve se sustentar. É um crescimento pontual, limitado e que não está disseminado pelos vários setores", diz o economista especializado em mercado de trabalho, João Sabóia. Ele explica que essa variação positiva se deve ao período de safra de grãos, concentrado no Interior paulista e estados do Centro-Oeste e Sul. Contribuíram ainda para os números positivos serviços (1.433) e administração pública (955).

(7,85%) e Guarujá (7,79%).

O consultor argumenta que a redução dos postos de trabalho afeta a receita dos municípios, que deixam de recolher impostos por circulação de mercadorias. Ele calcula perdas na ordem de R\$ 116 milhões para as prefeituras. "Que já geraram uma retração de R\$ 40 milhões em investimentos, como obras e serviços".

### CRISE E PRÉ-SAL

Para o coordenador do curso de Administração da Universidade Católica de Santos (Unisantos), Elias Salim Haddad Filho, a retração do mercado de trabalho regional segue ainda os impactos da crise econômica. "É também o desarme da falsa ilusão de que a região iria se transformar numa potência nacional com a exploração do pré-sal", diz ele, que é autor do livro *Qualidade de Vida e Desenvolvimento Econômico Sustentável em Santos*.

Haddad Filho acredita que o atual cenário pode ser agravado nos próximos anos caso a região não se "reinvente". Para isso, ele cita a "quarta revolução industrial", base teórica econômica para explicar o processo de mecanização do trabalho. "Países como Brasil, Índia e Rússia serão os mais impactados com esse processo".

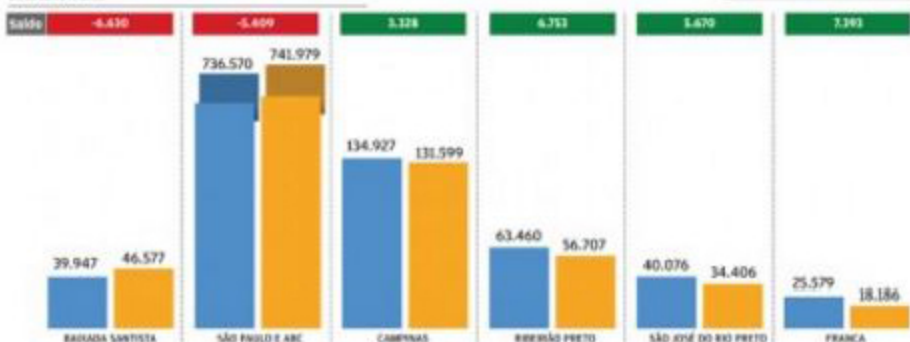
Ele defende a criação de um pacto que envolva representantes de todos os segmentos a fim de se debater novo leque de vocações regionais. Além de buscar opções, os encontros temáticos devem solucionar atuais entraves que emperram a atração de novos modelos de negócios à região. "É inconcebível que algumas empresas do Porto tenham seus escritórios principais em São Paulo, mantendo por aqui apenas a base operacional, que pagam salários mais baixos e exigem pouca formação".

### CIDADES

#### DADOS E COMPARAÇÕES

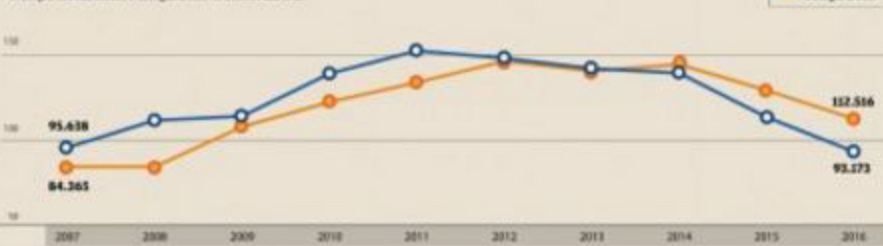
Em algumas regiões do Estado de São Paulo

DE JUNHO A MAIO



#### Baixada Santista

Evolução das admissões e desligamentos no último dez anos



Fonte: Ministério do Trabalho

NOTA: MONICA SOBRAL/AT

### COMÉRCIO

Para o coordenador da Câmara Setorial do Comércio Varejista da Associação Comercial de Santos (ACS), Omar Abdul Assaf, o mercado de trabalho regional passa por um momento de "acomodação". Assaf argumenta que o comércio varejista, um dos principais empregadores regionais, está próximo à saturação. "A região recebeu uma gama incrível de empreendimentos. Com esse excesso de abertura de lojas, o movimento foi pulverizado e sinaliza estar retraindo. Se não consumem, emprega-se menos e demite-se mais". Para ele, a situação política faz com que o consumidor puxe o freio de mão na hora de ir às compras. "A liberação do FGTS (contas inativas do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço) não surtiu o efeito esperado. Até porque o consumo se move pelo índice de confiança, e, como ele anda baixo, a tendência é que as pessoas fiquem que defensivas".

### CONSTRUÇÃO

Severamente impactada pela crise, a construção civil deve ser o último setor da economia regional a contratar mão de obra. "Vivhamos de um mercado aquecido. Hoje as empresas estão postergando os lançamentos", diz o presidente da Associação Empresários da Construção Civil da Baixada Santista (Assecobi), Gustavo Zagatto Fernandez. Conforme ele explica, outra vertente é ampliar o cronograma de construção e, assim, reduzir o número de trabalhadores ativos no canteiro de obra. "Em um futuro próximo, acredito que as demissões vão ser maiores que admissões. O que vai se inverter quando a demanda estiver aquecida". Fernandez sustenta que outro entrave é a redução no volume de projetos de infraestrutura e serviços prestados pelo Poder Público, devido à crise econômica e avanço da Operação Lava Jato.



Desligamentos no polo de Cubatão e a desilusão com o pré-sal foram fatores apontados por especialistas para a continuidade da retração

## Especialistas defendem novos moldes na economia

Repensar os pilares da economia regional, com aposta em setores tecnológicos e de prestação de serviço. Essas seriam as alternativas apontadas por especialistas, a médio e longo prazos, para reverter a sequência de fechamentos de postos de trabalho regional. "Se nada for feito de forma rápida, vamos ter uma década perdida", alerta o mestre em Gestão de Negócios, Elias Salim Haddad Filho.

Ele defende a criação de um pacto que envolva representantes de todos os segmentos a fim de se debater novo leque de vocações regionais. Além de buscar opções, os encontros temáticos devem solucionar atuais entraves que emperram a atração de novos modelos de negócios à região. "É inconcebível que algumas empresas do Porto tenham seus escritórios principais em São Paulo, mantendo por aqui apenas a base operacional, que pagam salários mais baixos e exigem pouca formação".

Haddad Filho explica ser necessário oferecer infraestrutura para tornar a região atrativa. E não apenas relacionado à malha rodoviária e áreas para expansão industrial, mas com ampliação no cabeamento de fibra óptica e serviços de telefonia e internet. "Isso é reinvestir uma cidade. É torná-la aplicável no ponto de vista de prestação de serviços. Só assim teremos condições de atrair grandes empresas, que pagam os melhores salários". Ele sustenta que essa discussão

deve ser iniciada pelas universidades. "É urgente pensar em questões como o polo tecnológico e uma cidade de serviços. Se perdemos o passo, ficaremos para trás. É basta andar pelas cidades e ver o número de lojas fechando e estabelecimentos para alugar". Já o presidente do Conselho de Desenvolvimento da Baixada Santista (Condesb) e prefeito de Praia Grande, Alberto Moarão, assegura que o colegiado regional deve iniciar essa discussão a

partido segundo semestre. "Essa discussão deve ser feita sem interesses bairristas, ou seja, defender apenas a sua cidade. Trata-se de uma ação de caráter metropolitano", diz ele, que há mais de duas décadas defende a criação de novas matrizes de arrecadação municipal. FOMENTO AO TURISMO O coordenador da Câmara Setorial do Comércio Varejista da Associação Comercial de Santos (ACS), Omar Abdul Assaf,

acredita que o fomento do turismo pode ser uma alternativa para fortalecer o comércio regional. Para isso, é urgente tirar do papel obras fundamentais para a mobilidade urbana, como a entrada de Santos e uma ligação seca até o Guarujá. "Precisamos, entretanto, facilitar a locomoção dos turistas. Eles não podem esperar 3 horas parados no trânsito para chegar à cidade sendo que podem ir para outro local".